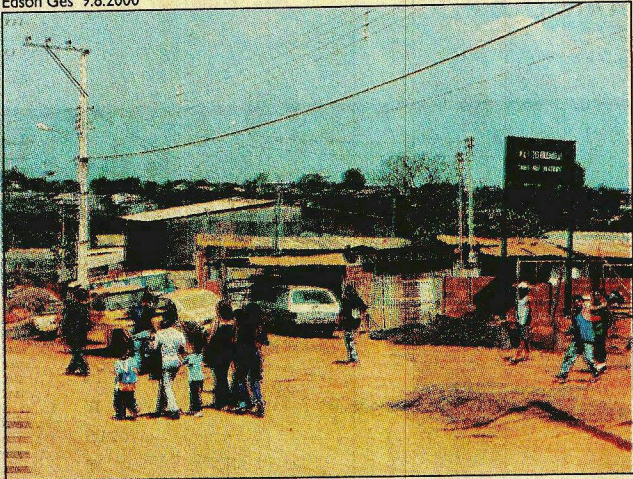


MEMÓRIA

Edson Gês 9.8.2000



VILA TELEBRASÍLIA

INÍCIO

O antigo acampamento surgiu em 1956, antes da inauguração de Brasília. Em barracos de madeirite, moravam famílias de pioneiros que trabalharam na construção da nova capital.

PRIMEIRA POLÊMICA

Em 1991, o governador Joaquim Roriz vetou a Lei 161, de autoria do deputado distrital Eurípedes Camargo, do PT, que regularizava o acampamento. A Câmara Legislativa derrubou o veto e promulgou a lei.

LEGALIZAÇÃO

No final do governo Cristovam Buarque, um decreto do Executivo aprovou o projeto urbanístico do acampamento, transformando-o em vila.

RETIRADA

Na campanha eleitoral de 1998, Roriz prometeu retirar os moradores e, no ano seguinte, já eleito, cancelou o decreto de Cristovam.

HOJE

Cerca de 350 famílias moram hoje na Vila da Telebrasília.

TOMBAMENTO

A Vila Telebrasília e a invasão da Estrutural não estavam previstas no mapa original do DF. Mas a primeira está ameaçada de remoção. A segunda, não.

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

Asfalto é a única infra-estrutura ausente no lugar que nasceu em 1956, antes da inauguração de Brasília. Mas nem mesmo as últimas avalanches, que dão como certa a extinção do antigo acampamento da Telebrasília, desanimam as 350 famílias que vivem ali. Os moradores querem ficar de qualquer maneira. Nem que seja contra a vontade do governador Joaquim Roriz e do ministro da Cultura, Francisco Weffort — que tem sob o controle de sua pasta o Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural (Iphan), favorável à remoção dos moradores.

“Qualquer tentativa de remoção pode ter consequências inimagináveis”, avisa João Almeida e Silva, 37, presidente da Associação dos Moradores da Vila Telebrasília. O assunto da remoção das famílias voltou a dominar as conversas nos bares e mercadinhos do lugar pacato há três semanas, quando o governador Joaquim Roriz enviou projeto à Câmara Legislativa extinguindo a lei 161/91, que criou a Vila da Telebrasília — uma área nobre perto do Setor de Embaixadas Sul.

Na Vila, onde há rede telefônica e de esgoto, água encanada e energia elétrica, ninguém quer acreditar que Joaquim Roriz vai mesmo insistir na derrubada. “Não somos invasores. As pessoas aqui construíram suas casas com autorização do poder público e vão resistir com a própria vida”, afirma o presidente da Associação de Moradores.

O entendimento dos técnicos do Iphan é de que a vila está em área irregular para moradia, dentro do espaço do tombamento. “Não vamos simplesmente derrubar tudo. Vamos dar opção de moradia às pessoas”, adianta a secretária de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Ivelise Longhi. A proposta do governo é remover as famílias para o Riacho Fundo I.

Os moradores da Telebrasília, no entanto, não estão sós. A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção DF, entende que eles têm o direito de permanecer na área. “A opinião do ministro, favorável à remoção, não é a última”, diz a advogada Sandra Moreira, coordenadora da Co-

Edson Gês 9.8.2000



JOSÉ RAIMUNDO, MORADOR DA VILA TELEBRASÍLIA, CRITICA A REMOÇÃO ANUNCIADA. MORADORES AMEAÇAM REAGIR

missão. “Dependendo da insistência do GDF, vamos entrar com uma ação judicial”, avisa. A associação dos moradores da Vila já ganhou na Justiça duas dessas ações pelo direito de se fixarem no local e o Iphan recorreu.

A BONANÇA

A situação é bem diferente em outra ocupação irregular, que também tem fama de ser histórica. No meio do lixo e da poeira que forma redemoinhos, as cinco mil famílias da invasão da Estrutural, em Taguatinga, estão aliviadas. De infra-estrutura, têm apenas a energia elétrica, que chegou em julho do ano passado. Ainda assim, não reclamam do governo. Roriz é adorado pelo povo dali. “Abaixo de Deus, ele é o nosso pai. Homem nenhum da Terra faria o que Roriz faz por nós”, venera a cabeleireira Tereza Gomes do Nascimento, 45, cinco filhos e que mora há seis anos na favela.

Na Vila da Telebrasília, o nome do governador é odiado. “Acho que Roriz não tem família, nem filho, para falar em arrancar a gente daqui”, critica o ae-

roviário José Fernandes dos Reis, 38 anos, morador da Vila desde 1983. Lá, os moradores têm saudades é do governo do PT. O ex-governador Cristovam Buarque sempre posicionou-se a favor da legalização da Vila da Telebrasília. Em compensação, nos últimos dois anos de governo, tentou remover os barracos da Estrutural.

Houve resistência dos moradores da favela. Como símbolo dessa luta, foi erguido lá o Museu do Sangue. Lá dentro, fotos, recortes de jornais e depoimentos sobre a história da favela e a luta dos moradores. O ex-governador e o seu partido, o PT, é rechaçado em cada canto da casa pintada de vermelho por fora. Há até uma escada de 13 degraus: os 13 crimes do governo Cristovam contra os direitos humanos.

Na Telebrasília, não há tempo a perder. Os moradores sabem que têm pouco tempo para impedir a aprovação do projeto. “É pura briga política. Roriz botou na cabeça que quer nos tirar daqui. É questão de honra para ele”, reclama Wilson Francisco Barcelos, 37 anos, morador da Vila desde 1984 e dono de uma

casa em construção de 284 m². “Investi R\$ 35 mil aqui. É todo o meu suor e daqui não saio sob argumento nenhum.”

A briga promete. O governador Roriz tem reafirmado a intenção de remover as famílias da Telebrasília. “Falei que retiraria desde a minha campanha na televisão. Não é novidade nenhuma”, afirma o governador, que só espera os meios legais para iniciar a operação. “Eles só implicam com a transferência porque ali é um reduto petista”, completa. A secretária de Habitação, Ivelise Longhi, garante que a remoção das famílias não é perseguição política.

Não é a impressão que tem Raimundo Nonato de Souza, 50 anos, dono do bar Rojaque's. Ele e outros comerciantes da Vila tiveram os alvarás de funcionamento cassados por determinação da administração regional. “Passei 40 dias fechado, mas resolvi abrir e funcionar ilegalmente para não morrer de fome”, reclama o maranhense. “Estão nos minando aos poucos”, acredita.

COLABORARAM: ANA MARIA CAMPOS E ALETHEA MUNIZ

Jorge Cardoso 25.7.2000



ESTRUTURAL

INÍCIO

No final da década de 60, junto com a construção de Brasília, surgiu naturalmente o Lixão da Estrutural. O local era depósito de todo o lixo urbano da nova capital. Nessa época, surgem as primeiras levas de pioneiros — catadores de lixo.

CONSOLIDAÇÃO

Nas décadas de 70 e 80, 270 famílias já viviam no local da reciclagem do papel e do alumínio. Em 1990, a comunidade de 520 famílias começou a reivindicar a fixação da favela. Em 1991, o deputado distrital José Edmar (PMDB) elabora o primeiro projeto de lei, criando a Cidade da Estrutural. A invasão começa a crescer. No final de 1993, somam 723 famílias.

FIXAÇÃO

Cristovam Buarque, candidato a governador em 1994, prometeu legalizar a Vila Estrutural. Com a sua eleição, o número de barracos subiu para 1500. A invasão ganhou “cara” de assentamento, quando foram removidos para o local os moradores da chamada Alta Estrutural, reservada para a instalação de indústrias, para o local onde estão hoje. Os tratores da Terracap abriram ruas e as 500 famílias antigas receberam lotes de 8 por 12 metro.

CONFLITO

A invasão da Estrutural já foi palco de duas gran-

des cenas de violência. Uma das mais marcantes foi o confronto entre policiais militares e invasores, no dia 9 de julho de 1997. Naquele dia, 1.700 policiais entraram na invasão para garantir a derrubada de 700 novos barracos construídos no local. Os dois mil moradores reagiram à ação de derrubada e receberam a polícia com paus e pedras. A PM não se intimidou. Reprimiu o confronto com bombas de gás lacrimogêneo, granadas de efeito moral e balas de borracha. Seis pessoas ficaram feridas.

MORTES

No início de agosto de 1998, um novo confronto, dessa vez com consequências mais graves. Em uma operação de desarmamento na invasão, o soldado da Polícia Militar Rubens Gomes Farias, 34 anos, foi assassinado com um tiro na cabeça. A polícia não identificou de onde veio o tiro, mas suspeitou dos traficantes da região. A represália aos invasores veio no dia seguinte. A Polícia Militar intensificou as ações na Estrutural. E foi acusada de, em operações clandestinas, ter invadido casas e espancado vários moradores. Três invasores suspeitos de terem participado do assassinato do policial foram executados.

HOJE

Há 5 mil famílias morando da Estrutural.